

# CONSULTA AO DICIONÁRIO: USO EFETIVO E EFEITO DE USO EM SALA DE AULA

Silmara Regina Colombo<sup>1</sup>  
Ana Lúcia Horta Nogueira<sup>2</sup>

*As palavras têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em  
que circulam, da casa em que habitam.  
O dicionário é apenas o espaço onde elas esperam  
que as apanhemos para levá-las até nossas moradas.*  
Irândé Antunes

## Introdução

Considerando-se a importância dos dicionários escolares como material didático para o ensino de língua materna e a presença em todas as escolas públicas brasileiras de obras lexicográficas distribuídas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)/Dicionários, delineamos como objeto de estudo, a análise da forma como os alunos se utilizam de tais obras a partir de sugestões do Guia Dicionários em Sala de Aula, manual que acompanha os acervos lexicográficos do PNLD/2012. Sendo assim, foram acompanhadas em atividades de consulta ao dicionário realizadas em sala de aula, duas turmas de 5º ano do ensino fundamental (EF), de uma escola pública do interior paulista, tomando para análise situações reais de interação entre alunos e os dicionários a eles direcionados.

Ao tomar o dicionário como exemplo de material didático associado à descrição da língua materna, consideramos como positivo o efeito de uso que um dicionário pode proporcionar para a ampliação do conhecimento: tirar dúvidas ortográficas, dar definições, indicar contextos de uso, entre outros. Apesar do dicionário ser um instrumento extremamente útil ao processo ensino-aprendizagem de língua materna, ainda pouco se sabe sobre as obras lexicográfica distribuídas às escolas brasileiras pois faltam no Brasil pesquisas sobre dicionários escolares que possam delinear parâmetros para a avaliação dos acervos distribuídos pelo PNLD. O que nos propusemos a demonstrar nesse artigo foi o uso efetivo e o efeito de uso dessas obras em sala de aula.

Com relação às sugestões do manual, pudemos observar que as atividades sugeridas conduzem para além do tradicional uso do dicionário para tirar dúvidas de ortografia e buscar significados desconhecidos, propondo atividades criativas e atrativas que, no entanto, nem sempre se concatenam com as próprias obras do acervo que acompanham, por seu limitado número de verbetes.

Para chegarmos a tais conclusões consideramos pertinente a apresentação de um breve histórico do PNLD-Dicionários, bem como a definição do que entendemos por uso efetivo e efeito de uso das obras lexicográficas nas escolas públicas brasileiras, por meio da exemplificação de duas atividades propostas no guia Dicionários em Sala de Aula e realizadas com alunos do 5º ano do EF.

## PNLD Dicionários

Desde 1985 o PNLD distribui livros didáticos para as escolas públicas e, em 2001, incluiu nessa distribuição os dicionários que são objeto de análise neste artigo. A inclusão de

---

<sup>1</sup> FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: [silmaracolombo@usp.br](mailto:silmaracolombo@usp.br).

<sup>2</sup> FE-UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [alhorta@hotmail.com](mailto:alhorta@hotmail.com).

dicionários foi considerada pertinente ao programa pois o “conhecimento sistematizado sobre o léxico que o dicionário proporciona tem um papel relevante a desempenhar na (re)construção escolar do conhecimento sobre a língua e a linguagem” (RANGEL, 2012, p. 18).

Inicialmente as obras lexicográficas eram avaliadas pelos professores, nos mesmos moldes das opções disponibilizadas para o livro didático. Após a escolha entre as obras pré-selecionadas era distribuído um minidicionário por aluno do ensino fundamental (2001 a 2004). Na edição de 2006 houve a reformulação do programa que se manteve na edição de 2012. Os acervos foram formados por avaliadores do Ministério de Educação e Cultura (MEC) e chegaram às escolas prontos, direcionados às turmas de ensino fundamental e médio em quatro tipos diferentes de acervo, assim compostos no PNLD/2012:

- Tipo 1 – de 500 a 1000 verbetes - para o 1º ano do EF (três volumes/títulos);
- Tipo 2 – de 3000 a 15000 - do 2º ao 5º ano do EF (sete volumes/títulos);
- Tipo 3 – de 19.000 a 35.000 – Ciclo II do EF, 6º a 9º ano (cinco volumes/títulos);
- Tipo 4 – de 40.000 a 100.000 - para o ensino médio (quatro volumes/títulos).

Ou seja, dentro do PNLD/2006 e 2012 foi considerado mais ajustado às demandas escolares, distribuir acervos formados por dicionários diferentes:

Apostou-se, então, que as diferentes abordagens do léxico e as diferentes concepções de dicionários presentes nos acervos contribuiriam de forma significativa para uma exploração pedagógica do gênero, além de estimularem a curiosidade do aluno propiciando uma percepção efetiva dos limites e possibilidades de cada título do acervo (RANGEL, 2011, p. 49).

A aposta em diferentes títulos que ‘contribuiriam’ para o melhor envolvimento com o acervo, tanto de professores quanto de alunos, no entanto, não se confirmou. No novo formato, os acervos já chegam prontos às escolas, sem a participação dos professores na escolha dos títulos, o que gera a principal queixa por parte dos docentes, além da quantidade limitada de volumes disponíveis para cada turma. Já os alunos apontam empecilhos na utilização dessas obras pelo reduzido número de entradas nos dicionários de Tipo 2. O acervo direcionado ao 5º ano compõe-se por sete títulos com número de verbetes variando entre 5.400 e 14.790 verbetes.

Durante a aplicação das atividades, os alunos do 5º ano do EF tiveram disponíveis tanto os dicionários do acervo de Tipo 2, como os antigos Mini Aurélio (FERREIRA, 2001) distribuídos nos primeiros anos do PNLD/Dicionários (2001 a 2004) e ainda existentes na escola, permitindo assim que o número de entradas do atual acervo não fosse um empecilho para a análise das atividades do guia Dicionários em Sala de Aula que passam a ser exemplificadas.

### **Uso efetivo dos dicionários**

Entendemos que o uso efetivo dos dicionários acontece quando são utilizados como instrumento de apoio no processo de aprendizagem, seja de língua materna ou de outro componente escolar, proporcionando descoberta de novos conhecimentos e incentivando a autonomia e a pesquisa.

Por serem ilustrados e com projetos gráficos diferenciados, esses dicionários inicialmente despertaram a curiosidade dos alunos, que os exploraram como se fossem uma enciclopédia divertida, com suas seções de adivinhas, piadas, desafios, provérbios... No entanto, quando devem buscar por verbetes específicos para a realização das tarefas, os alunos do 5º ano

começam a perceber que na maioria das vezes é necessários consultar vários títulos disponíveis até localizarem o que procuram.

Quando ainda não dominam totalmente a ordem alfabética e/ou não estão seguros quanto a esse domínio, os alunos insistem em procurar por palavras que muitas vezes os dicionários não registram, ocasionando uma grande perda de tempo gerada pela dúvida sobre a ausência da palavra ou a dificuldade em encontrá-la (COLOMBO, 2014). Essa desorientação sobre a existência ou não da palavra no dicionário foram queixas constantes dos alunos que, sempre que possível, preferiam utilizar um minidicionário.

O PNL/Dicionários foi concebido como material complementar a todas as disciplinas curriculares, visando exemplificar essa característica, a atividade “Lista-temas” (RANGEL, 2012, p. 61) foi modificada a fim de contextualizar o conteúdo de uma aula de ciências em que os alunos estudavam sobre partes das plantas. Dado um conjunto de palavras representando partes comestíveis de vegetais, a tarefa consistia em organizá-las em seis grupos diferentes: *raiz, caule, folha, fruto, raiz e semente*.

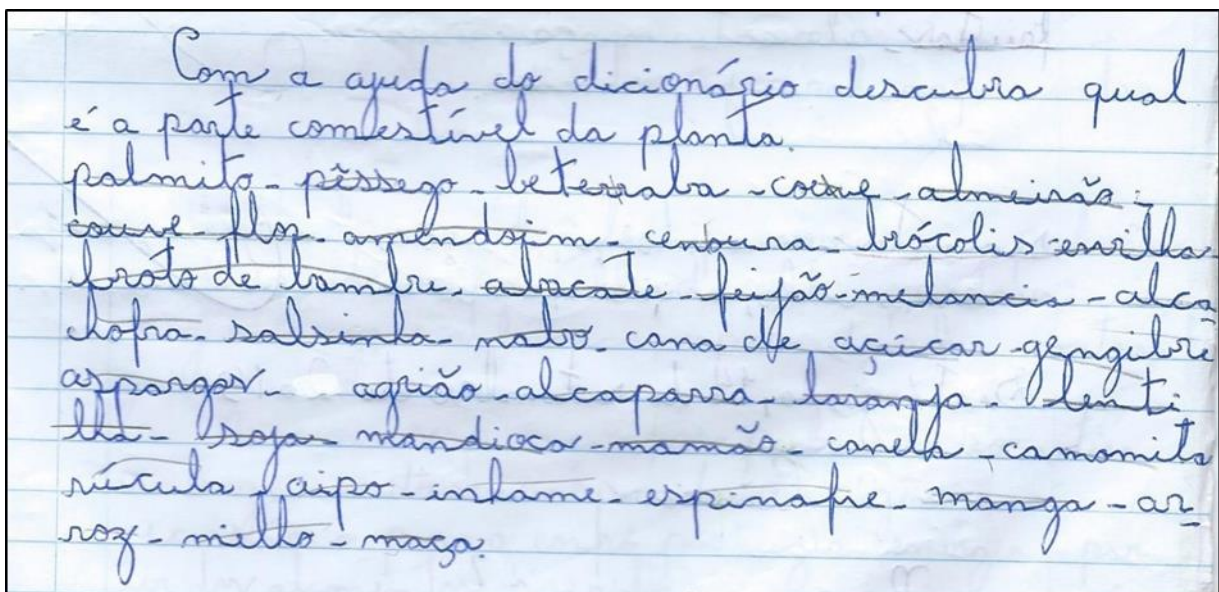


Figura 1: Caderno da aluna C. (5ªB) com as palavras a serem organizadas em seis categorias: raiz, caule, folha, flor, fruto e semente, em 17/04/2015.

Apoiados na atividade de consulta como uso efetivo do dicionário, os alunos precisam interpretar os verbetes para categorizá-los, o que em algumas situações exige leituras mais atentas e releituras. Por exemplo, em *macã* os alunos identificam facilmente a categoria da palavra ao lerem “*sf. O fruto da macieira*” (FERREIRA, 2001), porém, ao depararem-se com a definição da palavra *alcaparra* no mesmo dicionário, encontram “*sf. Botão floral da alcaparreira*”, o que exige a identificação da categoria baseada na relação semântica *floral/flor*, além da exclusão de outros sentidos possíveis a botão.

De acordo com Ilari (2011), nenhuma palavra é completamente estranha se estiver contextualizada em um texto de língua conhecida. Assim, mesmo que o leitor não chegue a uma definição exata da nova palavra, chegará muito próximo pois o falante tem consciência de que as escolhas léxicais dependem do contexto. Por este motivo, ao ler *botão floral*, o aluno não irá pensar em ornamento de vestuário ou peça de aparelhos eletrônicos.

As mesmas abstrações são necessárias para a devida interpretação da palavra *canela* que será encontrada em duas entradas do dicionário e, na acepção adequada ao tema da atividade, o aluno lerá “*sf. Bot. Árvore laurácea de casca odorífera usada como especiaria*” (FERREIRA,

2001). A definição traz palavras do vocabulário ativo do aluno – *árvore* e *casca* – e outras que provavelmente lhes são desconhecidas – *laurácea*, *odorífera* e *especiaria*. Diante da dúvida sobre a categoria da palavra, o consulente pode recorrer às remissivas das palavras desconhecidas ou tentar a interpretação a partir dos vocábulos que conhece, inferindo o sentido que busca a partir da relação entre *casca/tronco/caule*.

Sobre as inferências, Antunes (2012) defende que, em atividades de leitura, o uso do dicionário seja posterior ao empenho do leitor valendo-se do contexto para identificar o possível sentido, já que não é o sentido de cada palavra em particular que atribui unidade ao texto e sim a rede de sentidos criada pelo conjunto de palavras. O próximo passo na aquisição do léxico é aprender a inserir as palavras na rede de sentidos que lhes são possíveis, ou seja, aprender a usar a palavra de forma que seja observável o efeito de uso dos dicionários nesse aprendizado.

### Efeito de uso dos dicionários

Por efeito de uso entendemos os benefícios advindos do uso frequente do dicionário e seus efeitos no aprimoramento do aluno como escritor. Como proposta para utilizar a palavra pesquisada, selecionamos a atividade “Na borda do campo lexical” (RANGEL, 2012, p. 65) que propõem mostrar ao aluno que não existem sinônimos perfeitos, o que se faz de forma lúdica e produtiva. São apresentadas algumas palavras, sempre com letras faltando, que os alunos deverão completar com a ajuda do dicionário, tendo como dica apenas que são palavras relacionadas entre si:

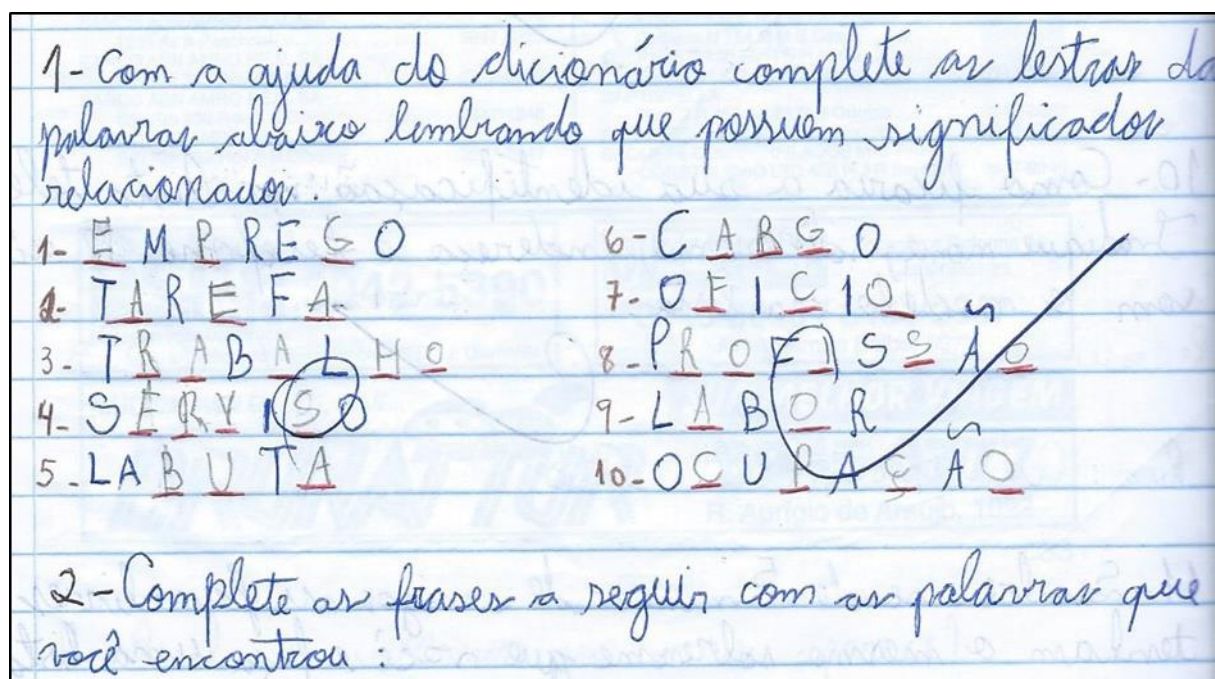


Figura 2: Caderno da aluna M. E. (5ºB), em 18/05/2015.

A ludicidade do jogo de letras em que uma palavra puxa a outra agradou muito aos alunos. Primeiro foi preciso se arriscar para decifrar um dos enigmas. Por exemplo, se o aluno começa pela palavra de número 9, porque encontrou no dicionário o verbete - “**líber** *sm. Bot.* Tecido condutor da seiva orgânica” (FERREIRA, 2001, p. 425) – perceberá o equívoco pois a definição não permite completar nenhuma outra palavra. Já se procurar pelo verbete *trabalho*, tentando completar o enigma de número 3, encontrará *tarefa*, *serviço* e *labuta*, que completam

respectivamente as lacunas 2, 4 e 5; em *labuta* encontrará *labor* e se utilizará das remissivas até completar todas as palavras.

Até aqui foram trabalhadas as palavras em “estado dicionário” (ANTUNES, 2012, p. 137), no entanto, não há sinônimos perfeitos em uma língua. Na segunda etapa desta atividade surge sua melhor contribuição para a progressão lexical do aluno, ao propor que se completem frases com esses aparentes sinônimos. Dependendo do contexto da frase, o aluno perceberá que uma palavra é mais adequada que outra:

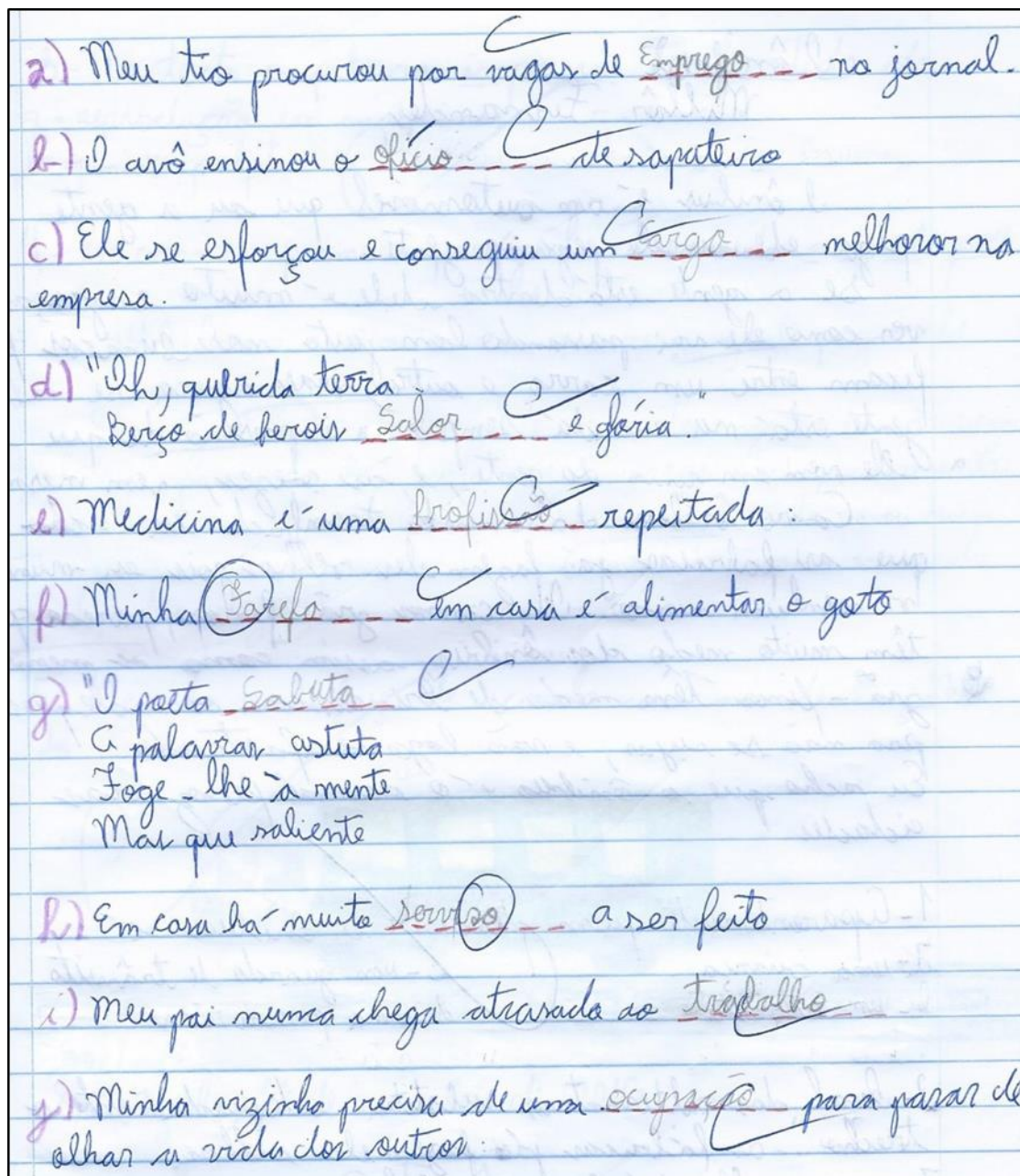


Figura 3: Caderno da aluna M. E. (5ºB), em 18/05/2015. A letra “d” refere-se a versos do hino oficial do município, portanto era conhecido dos alunos. Na letra “g” guiaram-se pela rima.

São raras as divergências entre as respostas dos alunos porque, como explica Antunes (2012), a escolha das palavras não é aleatória, se rege por critérios da “costumeira vizinhança”, formando uma espécie de conjunto recorrente em que as palavras tendem a ter suas companhias

preferidas. Assim, dificilmente um aluno completaria a primeira frase com as palavras *ofício*, *cargo* ou ainda *labor*. Da mesma forma ninguém diz que “Medicina é uma *labuta* respeitada” ou que “Minha *profissão* em casa é alimentar o gato”. Embora em “estado dicionário” sejam todas palavras sinônimas, essa atividade explora o efeito de uso das mesmas mostrando que o dicionário apresenta um leque de opções mas não regulamenta a forma de falar.

## Conclusão

Como instrumentos culturais de registro e de legitimação de uma determinada norma de linguagem, os dicionários adquirem para o aluno o valor de um código incontestável de prescrição, onde ele espera encontrar todas as palavras que precisa, mesmo que seja alertado sobre a impossibilidade de um mesmo dicionário comportar todo o registro lexicográfico de um idioma.

Apesar de ainda necessitar de ajustes, é incontestável que houve uma tentativa de adequação dos parâmetros do PNLD/Dicionários às necessidades dos alunos nas edições de 2006 e 2012. O que a experiência descrita demonstrou é que os minidicionários, com maior número de verbetes, estão mais adequados às tarefas propostas aos alunos pesquisados que os dicionários ilustrados do Tipo 2. Já as atividades propostas pelo guia Dicionários em Sala de Aula mostraram-se produtivas no desenvolvimento do uso efetivo e do efeito de uso do léxico, porém, acompanhadas de dicionários nem sempre adequados a elas.

Se por parte dos governantes a inclusão de dicionários monolíngues no PNLD aponta indícios da intenção de melhorar a qualidade do ensino de língua materna, a ausência de pesquisas centradas na perspectiva do consulente impossibilita a definição de parâmetros consistentes que estejam adequados ao perfil do aluno. O que podemos concluir é que a pesquisa lexicográfica pedagógica no Brasil não se encontra em estado de inércia, embora ainda haja vários passos a serem dados. O que pretendemos com esse estudo foi contribuir para o avanço na caminhada.

## Referências

ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COLOMBO, S. R. Com a palavra o consulente: a opinião dos alunos sobre os dicionários do PNLD. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 36, n. 2, p. 225-234, jul./dez. 2014.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 5 ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ILARI, R. Algumas ideias avulsas sobre a aquisição do léxico. In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Org.). **Dicionários Escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

RANGEL, E. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

\_\_\_\_\_. Dicionários escolares e políticas públicas em Educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Org.). **Dicionários Escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.